

DO ÉDEN, PELA TERRA PROMETIDA ATÉ A JERUSALÉM CELESTE UM ITINERÁRIO PELA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

*FROM EDEN, THROUGH THE PROMISED LAND, TO THE HEAVENLY JERUSALEM
AN ITINERARY THROUGH THE HISTORY OF SALVATION*

*DEL EDÉN, POR LA TIERRA PROMETIDA, HASTA LA JERUSALÉN CELESTIAL
UN ITINERARIO POR LA HISTORIA DE LA SALVACIÓN*

Leandro Contato Guimarães¹
Márcio José Pelinski²

Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão teológica sobre a história da salvação a partir de três *loci theologici* fundamentais: o Éden, a Terra Prometida e a Jerusalém Celeste. O Éden expressa a comunhão original entre Deus e o ser humano na criação, sinal da primeira aliança. Após a queda, inicia-se a restauração de Israel em direção a Canaã, onde a promessa divina é reafirmada histórica e sacramentalmente. Essa trajetória encontra sua plenitude na Jerusalém Celeste, cidade eterna que transcende o espaço e o tempo, signo da consumação escatológica da união em Cristo. A pesquisa integra perspectivas bíblicas, patrísticas, litúrgicas, eclesiológicas e socioculturais, demonstrando que esses três lugares não se reduzem a metáforas ou territórios, mas constituem expressões concretas da pedagogia salvífica de Deus, que conduz a humanidade da origem à plenitude. A metodologia, de caráter qualitativo, baseia-se em fontes bibliográficas e documentais, favorecendo a articulação entre fé e vida, doutrina e prática, esperança futura e compromisso pastoral. Nesse sentido, o estudo revela-se como um itinerário teológico e espiritual capaz de iluminar a missão da Igreja e inspirar os fiéis na vivência do Evangelho.

Palavras-chave: Éden. Terra Prometida. Jerusalém Celeste. História da Salvação.

Abstract

This work presents a theological reflection on the history of salvation through three fundamental *loci theologici*: Eden, the Promised Land, and the Heavenly Jerusalem. Eden expresses the original communion between God and humanity in creation, as the sign of the first covenant. After the fall, Israel's restoration begins on its way toward Canaan, where the divine promise is reaffirmed both historically and sacramentally. This journey reaches its fullness in the Heavenly Jerusalem, the eternal city that transcends space and time, as the sign of the eschatological consummation of communion in Christ. The research integrates biblical, patristic, liturgical, ecclesiological, and sociocultural perspectives, demonstrating that these three places are not limited to metaphors or territories but constitute concrete expressions of God's salvific pedagogy, which guides humanity from its origin to its fulfillment. The methodology, qualitative in nature, is based on bibliographic and documentary sources, fostering the articulation between faith and life, doctrine and practice, future hope and pastoral commitment. In this sense, the study presents itself as a theological and spiritual itinerary capable of enlightening the Church's mission and inspiring the faithful in the living of the Gospel.

Keywords: Eden. Promised Land. Heavenly Jerusalem. History of Salvation.

Resumen

Este trabajo presenta una reflexión teológica sobre la historia de la salvación a partir de tres *loci theologici* fundamentales: el Edén, la Tierra Prometida y la Jerusalén Celestial. El Edén expresa la comunión original entre Dios y el ser humano en la creación, signo de la primera alianza. Tras la caída, se inicia la restauración de Israel en dirección a Canaán, donde la promesa divina se reafirma histórica y sacramentalmente. Esta trayectoria encuentra su plenitud en la Jerusalén Celestial, ciudad eterna que trasciende espacio y tiempo, signo de la consumación escatológica de la unión en Cristo. La investigación integra perspectivas bíblicas, patrísticas,

¹ Acadêmico no curso Bacharelado em Teologia Doutrina Católica no Centro Universitário Internacional - UNINTER.

² Docente no Centro Universitário Internacional - UNINTER

litúrgicas, eclesiológicas y socioculturales, demostrando que estos tres lugares no se reducen a metáforas o territorios, sino que constituyen expresiones concretas de la pedagogía salvífica de Dios, que conduce a la humanidad desde el origen hasta la plenitud. La metodología, de carácter cualitativo, se basa en fuentes bibliográficas y documentales, favoreciendo la articulación entre fe y vida, doctrina y práctica, esperanza futura y compromiso pastoral. En este sentido, el estudio se revela como un itinerario teológico y espiritual capaz de iluminar la misión de la Iglesia e inspirar a los fieles en la vivencia del Evangelio.

Palabras-clave: Edén. Tierra Prometida. Jerusalén Celestial. Historia de la Salvación.

1 Introdução

À luz da Revelação, este ensaio de teologia dogmática propõe um itinerário cristológico e escatológico que passa pela organicidade da história da salvação, delineada por três *loci theologici* (lugares teológicos). O Éden (cf. Gn 2-3)³, arquétipo da harmonia original, revela a misericórdia do Pai, que deseja caminhar com o ser humano decaído. A Terra Prometida (cf. Gn 12,1), antítipo da terra restaurada, antecipa o repouso eterno e sinaliza um desígnio maior e definitivo. Por fim, a Jerusalém Celeste (cf. Ap 21), que expressa a plenitude da nova e eterna aliança entre Deus e os “filhos da promessa” (Gl 4,28).

Antes mesmo da criação *ex nihilo* (a partir do nada), “Ele nos destinou para sermos seus filhos adotivos, por Jesus Cristo” (Ef 1,5). Nesse propósito, Deus aspira reconciliar-se com Seu povo ferido pelo pecado original. Do mesmo modo, o homem anseia reintegrar-se ao pai e “inquieto está nosso coração, enquanto não repousa em ti” (Agostinho, 1997, p.19).

No tocante à metodologia, a investigação desenvolve uma estratégia bibliográfica e documental e qualitativa, associando teoria e caso concreto. Ela dialoga com fontes clássicas e contemporâneas do pensamento cristão, incluindo referências provindas do Magistério da Igreja, da tradição patrística, da filosofia – incluindo a metafísica – e das ciências auxiliares.

Como exemplo concreto, a pesquisa apoia-se em experiências do engajamento laical nas pastorais, movimentos religiosos e serviços do Santuário São Domingos de Gusmão, pertencente à paróquia salesiana de Araxá-MG. Essa orientação favorece uma reflexão que concilia o divino à vivência da doutrina cristã, em prol da articulação entre ortodoxia (a fé verdadeira) e ortopraxis (a prática correta) (Menegatti, 2018; 2020b). Tal posicionamento coaduna-se com o princípio do pragmatismo teológico, segundo o qual a fé se autentica por seus frutos concretos: “a fé, se não tiver obras, está completamente morta” (Tg 2,17).

³ Todas as passagens bíblicas indicadas neste artigo são citações de Bíblia (2002).

2 Éden: ideal da criação, queda e promessa de redenção

2.1 Autorrevelação divina e “geografia” do paraíso terrestre

A proposta de um itinerário a ser percorrido por *loci theologici* bíblicos reflete o dinamismo da autorrevelação, pela qual Deus concede o conhecimento de Si, numa condescendência positiva, “por categorias antropológicas” (Bacarji, 2019, p. 61). Esse mecanismo fundamenta-se na ação da Trindade econômica na história, que manifesta a Trindade imanente, isto é, a vida íntima e eterna de comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Rautmann, 2018).

Nesse mesmo processo, o Criador também expressa a dispensação salvífica, conduzindo a humanidade progressivamente ao Seu Reino. E, como não há outro Evangelho (cf. Gl 1,7), do mesmo modo não existem “duas histórias, uma profana e outra sagrada, mas [...] uma única história de salvação” (Menegatti, 2018, p. 166).

Em perspectiva bíblico-dogmática, a história da salvação inicia-se “geograficamente” no Éden, onde Deus, em sua bondade criadora, estabelece com o homem uma sintonia definida pela inocência e pela justiça. O relato do paraíso (cf. Gn 2,8-14)⁴ utiliza uma linguagem descritiva para detalhar um território rico em recursos naturais e banhado por um rio dividido em quatro grandes braços qualificados para sustentar a vida.

Historiadores associam-no ao Crescente Fértil, berço de várias civilizações, como a suméria e a babilônica (Simões, 2020). Como ponto de partida da rota da história da salvação – que se desenrola dentro da história humana –, a Tradição reconhece o Éden como um lugar idílico “de santidade e de justiça original” (Denzinger; Hünermann, 2007, n. 1511). As coordenadas relacionadas ao paraíso terrestre sugerem que ele se estende como o centro vital da concepção do universo⁵ – valendo-se da cosmovisão geocêntrica aristotélica –, o que alimenta o imaginário de um lugar utópico (tema aprofundado no item 3.2).

Essa confluência entre dados históricos e teológicos permite compreender o primeiro refúgio humano como um eixo de relações uníssonas, que apontam para a plenitude escatológica, as quais “só serão superadas pela glória da nova criação em Cristo” (CIC, n. 374).

⁴ Dentro da narrativa da criação, essa perícopa pode ser classificada como etiológica, ou seja, que busca explicar as origens do ser humano e também do entorno perfeito criado por Deus.

⁵ O relato do Éden pode refletir uma memória cultural da Revolução Neolítica (há cerca de 12.000 anos), quando os seres humanos passaram de caçadores-coletores a agricultores sedentários, além de evocar tempos de prosperidade anteriores à introdução da agricultura intensiva e da urbanização (Ghidini; Mormul, 2020).

2.2 Queda, livre-arbítrio e economia da salvação

Na ótica tomista, “o primitivo estado de felicidade” (Pègues, 2016, p. 41) é pilar da narrativa da redenção. Nele, a razão domina os instintos e o intelecto e a vontade se harmonizam com o Criador. No Éden, o ato moral tem como intenção primeira o respeito ao divino, enquanto o objeto moral é a deferência ao mandamento, expressão do direito divino positivo que rege a relação entre Deus e o homem. Essa norma, ao proibir o consumo do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, ordena-se à comunhão com Deus.

Porém, a liberdade, a proximidade do fruto e a tentação pressionam a escolha e moldam a decisão. Identificada como satanás, a serpente distorce a verdade, semeia dúvida e desejo de autonomia. Ao ceder aos sentimentos desordenados, os “primeiros pais” deturpam o livre-arbítrio de eleição e rompem a ordem moral. Como um ato deliberado que requer a resposta livre da pessoa humana (João Paulo II, 1993, *Veritatis Splendor*), a queda deteriora a ligação com Deus e gera corrupção espiritual.

A transgressão de Adão e Eva é o primeiro “ato ilícito” da história da salvação, com implicações jurídicas: a perda do estado de graça e a inserção em um sistema regulado por limites e prescrições. Nessa linha, aplica-se a máxima do historiador romano Marco Túlio Cícero: *omnes servi sumus ut liberi esse possimus* (“todos somos servos da lei, para poder sermos livres”) (Cícero, *Pro Cluentio*, §146, [s.d.]).

Entretanto, essa disposição se insere em uma história de tensões e esperanças: embora reflita a perfeição originária, participa de um drama que vai desvelando o plano salvífico. Esse múnus redentor alcança seu ponto decisivo na paixão, morte e ressurreição do Verbo, constituindo a essência do que a patrística denomina “economia da salvação” (CIC, n. 1066)⁶.

O acolhimento da Revelação, indispensável para guiar a razão, encontra sustentação na tradição patrística. Orígenes de Alexandria, com a doutrina da “reintegração”, sustenta que “o fim será igual ao princípio e tudo voltará, após um percurso mais ou menos longo, a recompor-se com a própria origem” (Vieira, 2019, p. 93). É uma visão que reforça a percepção de que, em cada etapa salvífica, o Espírito Santo, “pedagogo da fé” (Guedes, 2019, p. 66), conduz a ação do Pai na recuperação do *status* perdido pelo pecado original.

⁶ “O termo *economia*, nesse contexto, indica o conjunto de condições e disposições que Deus decidiu na eternidade para que se realizem no tempo. O Concílio Vaticano II, em sua constituição dogmática *Dei Verbum*, fala de um plano de revelação que vai se concretizando ao longo do tempo” (Rautmann, 2019, p.16; grifo do original).

2.3 Liturgia e missão: continuidade da redenção na Igreja

Na liturgia da bimilenar Igreja Católica, manifesta-se a visão da grandeza, sabedoria e amor de Deus, tanto na criação quanto na misericórdia que jamais abandona os Seus filhos. Poeticamente, a Oração Eucarística IV recorda essa conduta de cuidado e reaproximação, mostrando como o Criador confia o universo à alma humana e, mesmo após a queda, continua a socorrê-la com infinita benevolência:

Nós proclamamos vossa grandeza, Pai santo, a sabedoria e o amor com que fizestes todas as coisas. Criastes o ser humano à vossa imagem e lhe confiastes todo o universo para que, servindo somente a vós, seu Criador, cuidasse de toda criatura. E quando pela desobediência perdeu a vossa amizade, não o abandonastes ao poder da morte. A todos, porém, socorrestes com misericórdia, para que, ao procurar-vos, vos encontrassem. Muitas vezes oferecestes aliança à família humana e a instruístes pelos profetas na esperança da salvação (Hoje é Dia de Liturgia, 2023, p. 554).

Essa memória litúrgica remete ao Éden e ao jardim ali plantado por Iahweh, onde “colocou o homem que modelara” (Gn 2,8). O ambiente sagrado não se limita apenas a um espaço natural “que produz variados frutos com flores coloridas e verduras” (Francisco, 2015, *Laudato Si'*, n. 1). Consiste, sobretudo, em um dom de graça em que Deus provê generosamente e o homem responde com obediência e reverência, desfrutando a sua dignidade. Essa troca Criador-criatura se enraíza no mistério trino que estrutura a obra da criação.

Dessa determinação criadora decorre a vocação da “barca de Pedro”, que, inserida na história da salvação, participa da ação trinitária. Desde o Pentecostes (cf. At 2,1-13), a Igreja é chamada a socializar a *Missio Dei* (Missão de Deus) por meio da *Missio Ecclesiae* (Missão da Igreja) (Andrade, 2019). Orientada pela memória do paraíso perdido e pela esperança do paraíso prometido – “prefigurada já desde o princípio do mundo e admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na Antiga Aliança” (Paulo VI, 1964, *Lumen Gentium*, n. 2) –, a Igreja projeta-se para o Criador, prolongando a unidade inaugurada no jardim sagrado.

Tendo em vista o Santuário São Domingos de Gusmão tomado como estudo de caso, esse vigor evangelizador se expressa nas suas estruturas comunitárias, em conjunto com as atividades das capelas Santa Teresinha e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que, como extensões do santuário, fortalecem significativamente para a presença evangelizadora nos bairros em que estão inseridas. Cada uma dessas expressões eclesiais personifica e atualiza, a seu modo, o alicerce da missão da Igreja, refletindo o ideal originário figurante na gênese.

É o Sopro Divino que impulsiona a maestria da Igreja a sair de si para os modelos missionários eclesiais, *ad gentes* (para os povos) e *inter gentes* (entre os povos), conforme o

“mandato de evangelizar” (João Paulo II, 1990, *Redemptoris Missio*, n. 32). O envio não se delimita à transmissão da Boa-Nova, mas busca reconstituir o gênero humano por intermédio da fé e dos sacramentos. Em razão dessa vivência, o Magistério legítimo chama a Igreja a ser “sacramento universal de salvação” (Paulo VI, 1965, *Ad Gentes*, n. 1).

2.4 Mito, simbolismo e legado da salvação

A elaboração teológica do Éden como ambiente de concórdia e pureza não é exclusiva da tradição cristã, sendo também explorada por correntes filosóficas. Semelhante em certos aspectos ao paraíso terrestre, Rousseau interpreta um estado de natureza como base conceitual para o “mito do bom selvagem”. Para ele, “tudo é bom quando sai das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem” (Rousseau *apud* Vieira, 2020), ou seja, a espécie humana é essencialmente boa antes de ser corrompida pela influência da sociedade e suas desigualdades (Rousseau, 2004; Leopoldi, 2002).

Sob um ângulo antropológico, o Éden pode ser visto como um mito fundador que estrutura ideias de ordem, moralidade e coletividade, pois, desde “sua expulsão, o homem tem tentado por todos os meios reproduzir a alegoria da fertilidade que é própria do Jardim do Éden” (Korstanje, 2016, p. 204, tradução nossa).

Os mitos da criação⁷ são universais e a destituição do paraíso sinaliza a necessidade de regras sociais e piedosas. A ausência da ordem moral divina expressa o querer imanente de restaurar a excelência primordial, abolindo o sofrimento, a dor e a morte. Fica evidente que o estágio de impecabilidade arruinado explica a amargura humana e a necessidade de expiação.

É nessa circunstância de perda e esperança que surge o protoevangelho, tradicionalmente lido como a primeira promessa de salvação. No versículo, Deus intervém e declara à serpente: “Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3,15). Esse anúncio prenuncia a vinda de um Salvador, que derrotará o mal em definitivo, recuperando os valores comprometidos pelos “primeiros pais”.

No entanto, essa garantia de resgate está vinculada à liberdade humana, que tem na escuta a sua expressão, pois ouvir supõe acolhimento voluntário da Palavra revelada e abertura ao Outro. O *auditus fidei* (escuta da fé) rompido no Éden desencadeia a cisão entre a ordem e

⁷ A exegese indica que o Gênesis foi compilado durante o exílio (século VI a.C.), período que os judeus tiveram contato com mitos mesopotâmicos. Além de preservarem a tradição israelita, as Escrituras respondem a esses relatos, apresentando o Éden como criação divina para o homem, em paralelo à *Epopeia de Gilgamesh*, que “participa também do mito de criação” e menciona, igualmente, um jardim associado à beleza, abundância e imortalidade (Artuso, 2018, p.124).

o caos. “Justamente porque o conhecimento da fé está ligado à aliança de um Deus fiel, que estabelece uma relação de amor com o homem e lhe dirige a Palavra, é apresentado pela Bíblia como escuta” (Francisco, 2013b, *Lumen Fidei*, n. 29).

A relação entre liberdade, escuta e aliança reforça a convicção de que o ser humano “não cessa de ser imagem de Deus depois do pecado, ainda quando submetido à morte” (João Paulo II, 1986, *Audiencia General*, n. 7, tradução nossa). Essa análise incentiva os batizados a renovarem sua aliança com o Criador, preparando-se para a adesão plena ao paraíso reaceso: o retorno à cidade-jardim e a realização permanente do Éden que há de vir.

Símbolo da perfeição original e da proximidade divina, o Éden torna-se um ponto de partida perdido, despertando nostalgia e desejo de redenção. Entretanto, ao longo do relato sagrado, Deus guia Seu povo por um caminho irrevogável, sinalizado pela doação de uma terra de descanso e fidelidade na evolução da história. Como será visto a seguir, essa jornada iniciada no Éden prossegue com o próximo estágio deste itinerário salvífico: a Terra Prometida.

3. Canaã como Terra Prometida: aliança e esperança no caminho da redenção

3.1 Território, herança de Abraão e travessia do êxodo

Situada “do Rio do Egito até o Grande Rio, o rio Eufrates” (Gn 15,18)⁸, Canaã – a Terra Prometida – é um estágio determinante do plano soteriológico progressivo. Inicialmente, expressa a concretização da aliança firmada com a fé monoteísta de Abraão (cf. Gn 12,1-3; 15,18-19)⁹. A arqueologia e a historiografia indicam que o território, correspondente aos atuais Israel, Palestina, Jordânia, Líbano e partes da Síria e do Iraque, era disputado por diversos povos e impérios. A conquista da terra ocorre em meio a uma conjuntura de significativas transformações políticas no antigo Oriente Próximo (Huguenin; Limonic; Grin, 2013).

No progresso da saga hebraica, a Terra Prometida destina-se ao povo da aliança após sua libertação do jugo do faraó. Sob um enfoque teleológico, ela é figura para “novos céus e uma nova terra” (2Pd 3,13), onde os justos habitarão na consumação dos tempos¹⁰. Guiado pela intervenção divina, o trânsito coletivo e espiritual dos hebreus no deserto representa teologicamente a caminhada da Igreja rumo à Terra Prometida definitiva.

⁸ No êxodo, Iahweh estabelece os limites da Terra Prometida: “Fixarei as tuas fronteiras desde o mar dos Juncos [o golfo de Ácaba] até o mar dos filisteus [o Mediterrâneo], e desde o deserto [o Sinai] até o Rio [o Eufrates]” (Ex 23,31). Adiante, Ele fornece às tribos mais detalhes da demarcação da terra (cf. Nm 34,1-12; Dt 11,24; Js 1,4).

⁹ No desdobramento da narrativa dos patriarcas, o compromisso seria renovado solenemente com Isaac (cf. Gn 26,3-5) e Jacó (cf. Gn 28,13-15; Gn 35,9-12) e confirmado com Moisés no Monte Sinai (cf. Ex 19-29; Lv 26:46).

¹⁰ Enquanto algumas tradições entendem o tempo como cíclico, o cristianismo o concebe linear: da criação, à vinda de Jesus Cristo no kairós (tempo oportuno), até a consumação final na parusia.

O êxodo e o povoamento de Canaã consolidam a expectativa da formação de uma “raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um Povo adquirido para Deus” (1Pd 2,9), vocação estendida para toda a humanidade. O *intellectus fidei* (entendimento da fé) leva o povo não somente a conhecer as leis e os mandamentos, mas também a decodificar seu significado e implicações (João Paulo II, 1998, *Fides et Ratio*; CTI, 2011). É uma inteligência que permite perceber a Sua presença orientadora, pois “no deserto, é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida” (Francisco, 2013a, *Evangelii Gaudium*, n. 86).

Aqui, os eleitos exercem o fazer teológico pelo discernimento da fé na epistemologia do agir divino nos fatos históricos e salvíficos. Com esse método, a *fides qua* (caráter subjetivo da fé) remete à convicção inabalável nas promessas, enquanto a *fides quae* (conteúdo objetivo da fé revelada) se manifesta na própria aliança, nas leis e nos oráculos que estruturam o caminho para a Terra Santa.

Dessa forma, articula-se a conduta de crer com a credibilidade do conteúdo crido, unindo confiança pessoal nas verdades objetivas (Menegatti, 2020a; Rautmann, 2018). A Terra Prometida reflete o cuidado providencial, que educa o povo para o Caminho – Jesus Cristo, proclamador e encarnação da Boa-Nova – e para a atuação pneumatológica. Assim, essa experiência transformadora insere o povo, como no batismo, em uma mudança ontológica na qual o cristão se une ao Corpo Místico de Cristo, a verdadeira Terra Prometida.

3.2 Ocupação do “dom da Terra Prometida” e sua tranfiguração em *locus theologicus*

“Historicamente, Israel nasceu do encontro de diferentes grupos que buscavam abrigo nas montanhas de Canaã” (Catenassi, 2018, p. 110). Não se trata de uma operação exclusivamente militar, mas de acentuado valor teológico (cf. Dt 6,10-13). Iniciada com o primeiro patriarca, a trajetória hebraica converge para a conquista da terra (cf. Js 1-4), com Moisés, Josué e a voz dos profetas atuando como instrumentos da Providência na concretização da promessa.

A ocupação assume sentido teocêntrico e eclesiológico. Povo vindo do deserto, Israel constitui-se povo litúrgico, instituindo ritos, sacrifícios, festas, o sábado e o Templo. Essa liturgia veterotestamentária faz memória da libertação do Egito: “Este dia será para vós memorial, e o celebrareis como festa para Iahweh” (Ex 12,14). Moto contínuo, ela antecipa o culto cristão, no qual a entrega expiatória do Crucificado traz “o ontem para o hoje” (Guedes, 2019, p. 74), como fonte de regozijo para todas as gerações (Leão XIV, 2025).

Vale enfatizar que, mais do que territórios, Éden e Canaã são realidades espirituais e

teológicas que se entrelaçam no enredo salvífico. Com a “miserável queda de Adão” (Pio XI, 1937, *Divinis Redemptoris*, n. 2), o homem passa a sentir saudades do Éden (Eliade, 1992). Após séculos de espera e provações, o “dom da Terra Prometida” (cf. Gn 12,7) oferece aos hebreus a possibilidade, ainda que imperfeita, de restabelecer o *link* com o Altíssimo, numa tentativa de recuperar a inviolabilidade perdida.

Atualizada na história, essa recomposição é plena no “evento Jesus Cristo” (Cruz, 2023, p.85), pois “assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida” (1Cor 15,22). Nesse esquema cristológico e escatológico, Canaã adquire sentido documental e palpável, embora mantenha o simbolismo do encontro com Deus. Idealizada como utopia, a “terra que mana leite e mel” (Ex 3,8) apresenta-se como uma condição perfeita de igualdade, justiça e sanidade, que, apesar de inalcançável, serve como orientação motivacional e moral para a ação humana (Morus, 2001; Galera; Gonçalves, 2020; Cezario, 2023).

Na relação entre utopia e esperança, a Doutrina Social da Igreja (DSI)¹¹ reconhece os pobres não somente como destinatários da mensagem evangélica, mas como seus protagonistas históricos. Sob o exercício da teologia pública e de uma exegese comprometida com os vulneráveis, a Terra Prometida expressa justamente a libertação estrutural dos oprimidos.

Nessa lógica libertadora, as paróquias de hoje surgem como terrenos privilegiados para a encarnação da marcha salvífica. É o típico exemplo da paróquia salesiana de Araxá que, como comunidade de comunidades, promove inclusão, formação e participação dos excluídos. Por meio da escuta, partilha e serviço, a vida eclesial local traduz o Evangelho no cotidiano, como canal para que os fragilizados atuem no projeto de salvação.

Esse mesmo princípio de participação e aliança encontra um modelo na experiência israelita. O consenso do *sensus fidelium* (sentido dos fiéis) une o povo em um juízo comum da Terra Prometida como dádiva a ser habitada com equidade e obediência à Lei (CTI, 2014). Seguramente, o *sensus fidei* (sentido da fé), infalível e alimentado pelo Espírito Santo, permite discernir a terra cananeia como efetivação do acordo divino, reconhecendo nela a permanência de Deus. Como consequência, Canaã torna-se *locus theologicus*, onde testemunhos pessoais e comunitários reforçam a singularidade e o sentido de vida dos filhos da herança.

¹¹ “Constituída de um saber iluminado pela fé e em diálogo permante com outros saberes, essa doutrina é um exercício explícito do ensinamento da Igreja a respeito das questões sociais, que se efetua de modo dinâmico e continuado na perspectiva evangélica de uma sociedade mais justa e solidária” (Menegatti, 2018, p. 57).

3.3 Infidelidades, exílio e projeção escatológica

A consolidação territorial da Terra Prometida enfrenta obstáculos estruturais, uma vez que nem todas as cidades-estado cananeias são conquistadas. A convivência com os remanescentes leva à tentação da idolatria, como o culto a Baal, Astarte e Aserá (cf. Jz 2,11-13; 1 Rs 18,17-40). Esse convívio também provoca a assimilação de práticas opostas à Lei mosaica, como sacrifícios de crianças (Jr 7:31), feitiçaria e prostituição ritual (cf. Lv 20,6; Dt 18:9-12), fatores que contribuem com a fragmentação tribal.

Após os juízes, esse cenário desencadeia a centralização política e religiosa na monarquia, visando salvaguardar a unidade e a fidelidade à aliança. Infelizmente, instauram-se novos ciclos de deslealdade, com a recorrente opressão dos povos vizinhos (cf. Jz 2,10-19). Na tradição bíblica, o descumprimento da Lei, sobretudo por parte dos monarcas, resulta na perda da terra dos reinos do Norte e do Sul e no exílio (cf. 2Rs 24-25), como um chamado à conversão.

De modo correlato, a expulsão do Éden se configura como “experiência do abandono de Deus” (Correia, 2018, p. 21). Ambas as privações decorrem da iniquidade, seja nas próprias inconstâncias do povo eleito quanto na idolatria advinda dos povos pagãos. Essa sensação de desamparo se eleva ao máximo no clamor do Cristo na cruz: “*Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?*” (Mt 27,46, grifo do original).

Na “noite da fé” de Israel (João Paulo II, 1987, *Redemptoris Mater*, n. 17), os hagiógrafos da Torá sacerdotal, redatores e compiladores da literatura de resistência defendem a pureza e a preservação identitária dos judeus (Artuso, 2018). Surgem, então, os textos sapienciais e proféticos, trazendo “palavras de esperança para um povo que via cair diante de si todas as suas certezas” (Rautmann, 2018, p. 39). Essas obras ressignificam a terra como expectativa e indicador de resiliência, conferindo-lhe o teor de construto social e antropológico, refletindo as lutas por memória, identidade e pertença.

Reinterpretada, a Terra Prometida projeta-se para o futuro e conecta-se ao conceito de uma cidade celeste. Esse elo espelha o cumprimento final da Palavra de Deus dirigida a Israel e às nações, convocando-os à união mística na fé ecumênica. Íntegros e isentos de tribulações, o Éden e Canaã confirmam o ideal de uma criação incorrupta, condição sagrada a ser reabilitada na “Jerusalém do alto” (cf. Gl 4,26).

Nesse louvor eterno, Deus habitará com Seu povo, reimplantando a perfeição edênica e a vitória da Terra Prometida. Apesar da secularização, a fé mantém-se atual: o crente é chamado a confiar, como Israel, no silêncio no deserto. Canaã torna-se metáfora teológica que convoca homem moderno à santidade afetiva em sua busca espiritual. Nessa jornada, a escuta da Palavra

e a adesão à Revelação sustentam o fiel rumo ao Pai, pois a “fé e a verdade são inseparáveis... Amor e verdade não se podem separar” (Romanowski, 2019, p. 460-461).

Não obstante Canaã seja uma referência de esperança e cumprimento parcial da aliança, são perceptíveis as restrições de um mundo de infidelidades. O itinerário da fé, perseverante em meio a dificuldades e hesitações, tem continuidade na esperança escatológica desvendada pela posse da Terra Prometida. Essa posse transcende Canaã e plenifica-se na Jerusalém Celeste, onde o projeto de amor de Deus atingirá a perfeição. A cidade celestial é o foco do capítulo a seguir, ao refletir sobre sua significação como destino último da história da salvação.

4 Jerusalém Celeste: cidade eterna da redenção e da esperança cristã

4.1 Reino de Deus e realização escatológica

Profetizada no Antigo Testamento (cf. Is 65,17-25) e prefigurada no Apocalipse (cf. Ap 21), a Jerusalém Celeste representa o clímax da escatologia salvífica, consumada em Cristo, o Alfa e o Ômega. Nela, se recapitula a promessa do Éden e de Canaã, configurando-se como cidade incorrupta e indestrutível, que desce dos céus na consumação dos tempos (cf. Ap 3,12).

Esse evento coincide com a parusia, manifestação gloriosa do Senhor em Sua segunda vinda. Na ocasião, o Reino de Deus será, em última instância, plenamente instaurado e toda a criação renovada com a participação dos vivos e dos mortos ressuscitados¹². Não é algo abstrato, mas uma certeza ontológica e escatológica profundamente radicada na fé cristã, cujos efeitos já são prenunciados na liturgia, na vida sacramental e na comunhão dos santos.

“Cidade do Deus vivo” (Hb 12,22), a Jerusalém eterna – não erigida por mãos humanas – é caracterizada como morada imperecível de “todos os justos depois de Adão, ‘desde o justo Abel até ao último eleito’” (Paulo VI, 1964, *Lumen Gentium*, n. 2). É o ponto de chegada de todo o itinerário da salvação, transfigurado e restituído à condição primordial, como está escrito: “Ele habitará com eles; eles serão o seu povo” (Ap 21,3).

Conquanto o Reino de Deus “já” esteja entre os homens, sua plenificação “ainda não” se cumpriu de forma definitiva. Nas palavras do teólogo francês Oscar Cullmann, a expressão “ainda não” remete à materialização da Morada Eterna no epílogo apocalíptico. De modo complementar, a própria oração do Pai-Nosso verbaliza esse desejo diante de uma espera ativa: “venha o teu Reino” (Mt 6,10) (Rautmann, 2019, p. 92).

¹² “Os vivos: são aqueles que estarão em vida no momento da Parusia; os mortos: aqueles que, já mortos, ressuscitarão então para o julgamento” (Bíblia, 2002, p. 1920, nota i).

Essa dialética revela a tensão entre a presença atual e o protagonismo futuro da cidade consagrada, onde o mistério trinitário será completamente vivenciado. Essa “urgente” consumação antecipa-se na imersão batismal, “sepultura espiritual” e sinal escatológico: pela água¹³ e pelo Espírito (cf. Jo 3,5), o homem velho morre para o pecado, renasce como nova criatura em Cristo e já participa da Pátria Celeste. Por isso, os configurados a Cristo na morte serão partícipes de sua ressurreição no tempo final (cf. Rm 6,5-11).

4.2 Horizonte ético, social e pastoral

A ideia do fim dos tempos impele a Igreja a viver em chave sinodal, numa sintonia eclesial na graça e pela graça. Sua expressão mais elevada é a *communio* (comunhão)¹⁴, tendo a Eucaristia como “fonte e ápice” (João Paulo II, 1980, *Dominicae Cenae*, n. 4), que convoca os cristãos à vigilância. A perícopes a seguir é habitualmente correlacionada à percepção da Jerusalém revestida com a glória de Deus.

Dias virão em que o monte da casa de Iahweh será estabelecido no mais alto das montanhas e se alcançará acima de todos os outeiros. A ele afluirão todas as nações e muitos povos virão, dizendo: “Vinde, subamos ao monte de Iahweh, à casa do Deus de Jacó, para que ele nos instrua a respeito dos seus caminhos e assim andemos nas suas veredas”. Com efeito, de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém, a palavra de Iahweh (Is 2,2-4).

A imagem dessa cidade traça um ideal espiritual e social que serve de guia moral para os fiéis. Nos moldes do pensamento do sociólogo Durkheim (Bueno; Passiani, 2022), a Jerusalém Celeste pode ser compreendida como uma expressão da consciência coletiva, reforçando normas e valores compartilhados que orientam a conduta dos indivíduos na comunidade. O vislumbre dessa pólis aberta ao transcendente inspira práticas devocionais e também funciona como um modelo de cidadania que busca superar a “insolidariedade” (Camacho, 1995 *apud* Menegatti, 2018, p. 42).

Ilustrando iniciativas com impacto social, salienta-se o Oratório Nossa Senhora Auxiliadora, mantido pela paróquia em estudo. Com espiritualidade popular solidificada nos valores evangélicos, é um espaço de forte vínculo com o laicato. A unidade entrega atividades educativas, formativas e culturais para crianças e adolescentes em situação de instabilidade, como expressão viva do zelo pastoral pelos mais frágeis e da promoção do valor coletivo.

¹³ Segundo São Tomás de Aquino, por ocasião do batismo de Jesus no rio Jordão, ele “infundiu uma força santificante em toda a água do mundo” (Siqueira, 2018, p. 28).

¹⁴ A Igreja como *communio* supera uma visão apenas jurídica da Igreja, valoriza a sinodalidade – ou seja, a corresponsabilidade dos fiéis na vida e missão da Igreja – e ressalta a unidade na diversidade.

Paralelamente a essa atuação solidária, impõe-se refletir sobre sistemas que perpetuam exclusão e mercantilização da vida (Shobha, 2012). Fundamentada na dignidade inalienável da pessoa, a DSI busca discernir os sinais dos tempos à luz da fé e convoca o cristão a colaborar para uma convivência justa, fraterna e solidária, reconhecendo a Jerusalém Celeste como dom divino (Menegatti, 2018; Pontifício..., 2005). Longe de ser fuga, ela denuncia opressões e orienta a graça na edificação da “civilização do amor” (CEC, 2017, n. 29).

“Deste modo é hoje a ação salvífica de Deus traduzida como ‘práxis libertadora’” (Miranda, 2012, p. 19). Essa visão é um consolo realista e regenerador, pois reconhece as angústias existenciais ao mesmo tempo que aponta para sua superação, assumindo o sofrimento como parte do caminho salvífico. Com isso, “a angústia humana, a tentação ao desespero e o milagre da reversão do sofrimento em júbilo de salvação” (Stadelmann, 1983, p. 193) ilustram a transição da dor para a esperança, que move à cidade eterna preparada por Deus.

4.3 Cidade Santa: entre a história humana e a glória eterna

A práxis libertadora divina conecta a experiência secular à consumação prometida. Com isso, a Jerusalém histórica insere-se nessa transcendência: centro espiritual do povo de Deus e foco de tensões religiosas e políticas. Reconhecida como “o centro predestinado da obra da salvação, o ponto final da partida da missão universal dos apóstolos [enviados]” (Bíblia, 2002 p. 1900, nota e), a cidade de Davi continua de pé no caminho do “reino iniciado pelo próprio Deus, [que] deve ser anunciado a todos até que, no fim dos tempos, seja por ele mesmo consumado” (Almeida, 2004 *apud* Bacarji, 2019, p. 100).

Enquanto a Jerusalém terrestre testemunha uma história de pecados e conflitos, a celeste se reveste como esposa para o enlace no alvorecer da eternidade (cf. Ap 21,9-27). A cidade temporal “de fato é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém do alto é livre e esta é nossa mãe” (Gl 4,25-26). Esse patrimônio dos eleitos salienta o desígnio perpétuo, “porque o Senhor do tempo não nos quer aqui para sempre e traça para nós um programa de eternidade” (Guedes, 2019, p. 223), provando que o tempo presente é meramente o limiar da expressão suprema:

Por isso, a fé é um bem para todos, um bem comum: a sua luz não ilumina apenas o âmbito da Igreja nem serve somente para construir uma cidade eterna no além, mas ajuda também a construir as nossas sociedades de modo que caminhem para um futuro de esperança (Francisco, 2013b, *Lumen Fidei*, n. 51).

Da implantação pelo rei ungido até a transfiguração na Jerusalém Celeste, a jornada da cidade santa reflete a progressão do plano divino. Para os cristãos, Sião não é somente onde o

Mistério Pascal toma forma, porém, uma profecia viva do Reino dos Céus “para que Deus seja tudo em todos” (1Cor 15,28). Essa linha escatológica se reflete na vida comunitária dos batizados: “no momento presente, situa-se a Eucaristia, que é sinal do Reino já presente e garantia do Reino futuro” (Simões, 2024, p. 103).

Pela Liturgia da terra participamos, saboreando-a já, na Liturgia celeste celebrada na cidade santa de Jerusalém, para a qual, como peregrinos nos dirigimos e onde Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo; por meio dela cantamos ao Senhor um hino de glória com toda a milícia do exército celestial, esperamos ter parte e comunhão com os Santos cuja memória veneramos, e aguardamos o Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até Ele aparecer como nossa vida e nós aparecermos com Ele na glória (Paulo VI, 1963, *Sacrosanctum Concilium*, n. 8).

A Igreja, como agente da santificação, é conduzida pelo Espírito Santo ao mistério da Jerusalém Celeste, que atua como amparo e força orientando a uma vida de acordo com a vontade superior. Com a *applicatio fidei* (aplicação da fé), os fiéis realizam-se existencialmente e vivem uma fé atuante junto à Igreja militante, unidos, desde já, à glória da Igreja triunfante.

Mas a nossa união com a Igreja celeste realiza-se de modo mais sublime quando, sobretudo na sagrada Liturgia, na qual a virtude do Espírito Santo atua sobre nós através dos sinais sacramentais, celebramos em comum exultação os louvores a divina Majestade [...] Assim, ao celebrar o sacrifício eucarístico, unimo-nos no mais alto grau ao culto de Igreja celeste, comungando e venerando a memória, primeiramente da gloriosa Virgem Maria, de S. José, dos santos Apóstolos e mártires e de todos os santos (Paulo VI, *Lumen Gentium*, 1964, n. 50).

Quando atualizada, a fé reestrutura a vida moldando ações em conformidade com a confiança na glória futura. Arraigada na cristologia, essa devoção centra-se em Jesus Cristo, expoente da Revelação e modelo perfeito de obediência filial e de amor sacrificial. Ao colocá-la em prática, o crente torna-se agente da salvação, ajustando-se progressivamente a Ele e cooperando na edificação do Reino de Deus – “maior que a Igreja e que o mundo” (Bacarji, 2019, p. 100) –, até ser totalmente instaurado.

Diante desse panorama, a nova evangelização¹⁵ traduz a missão contemporânea da Igreja, chamada a reacender o coração e a mente dos batizados afastados. Ela consiste em anunciar o Cristo com ardor renovado, métodos inovadores e linguagens adaptadas às distintas circunstâncias (Nentwig, 2018). No presente, ela revisita o convite à conversão, reconduzindo a humanidade do drama do Éden à concretização da promessa da Jerusalém Celeste.

¹⁵ Proposta por São João Paulo II, a nova evangelização é uma iniciativa pastoral que visa reaproximar os fiéis afastados da religião e anunciar o Evangelho a sociedades secularizadas.

5 Considerações finais

Ao longo deste trabalho, buscou-se verificar que a história da salvação pode ser estruturada como um itinerário espiritual e teológico que une, em continuidade e tensão escatológica, três *loci theologici* fundamentais: o Éden, a Terra Prometida e a Jerusalém Celeste. Em cada um deles, é em Jesus Cristo que converge a plenitude da Revelação. Como chave hermenêutica da história sagrada, Ele, o grande profeta escatológico, é o elo dessas etapas no desdobramento da universalidade da justificação que já acontece no hoje.

Ao conectar tais dimensões com experiências concretas, este artigo constrói uma ponte entre tradição e pastoral, doutrina e vida comunitária. Espera-se que a reflexão subsidie o discernimento e o planejamento de futuras ações evangelizadoras das paróquias, a exemplo da paróquia salesiana de Araxá, o modelo para esta análise. Tal contribuição visa promover uma atuação mais consciente, integrada e fiel aos valores do Reino de Deus.

Por fim, não se pretendeu esgotar a temática, mas proporcionar uma base teológica e espiritual para novas investigações, sem perder de vista que a história da salvação é o contínuo desdobramento da ação de Deus que conduz a humanidade a Si. “Toda a história da salvação não é senão a história da via e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único Pai, Filho e Espírito Santo, se revela, reconcilia consigo e une a si os homens que se afastam do pecado” (CIC, n. 234). Essa verdade nutre a esperança cristã e ilumina o presente com a certeza da comunhão definitiva com Deus.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística, 10).

ANDRADE, Joachim. **Trilhando caminhos de missão**: fundamentos e apontamento de missiologia. Curitiba: InterSaber, 2019. (Série Princípios de Teologia Católica).

ARTUSO, Vicente. **Pentateuco e livros históricos**. Curitiba: InterSaber, 2018. (Série Princípios de Teologia Católica).

BACARJI, Arlene Denise. **Eclesiologia católica**. Curitiba: InterSaber, 2019. (Série Princípios de Teologia Católica).

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BUENO, Marília Pereira; PASSIANI, Enio. Émile Durkheim e o reino dos fins: considerações sobre a sociologia da moral. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 103-120, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/S01013300202200010005>. Acesso

em: 17 nov. 2024.

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. **Bíblia**: introdução teológica e história de Israel. São Paulo: IntereSaberes, 2018. (Série Princípios de Teologia Católica).

CEC – CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educar ao humanismo solidário**. Vaticano, 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html. Acesso em: 27 jun. 2025.

CEZARIO, Maria Angélica. Conhecimento, conteúdo e utopia. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, MG, v. 37, n. 79, p. 505–528, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/65276>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CIC – CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CICERO, Marcus Tullius. **Pro Cluentio**. [S. l.]: The Latin Library, [s.d.]. Disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/cicero/cluentio.shtml>. Acesso em: 4 ago. 2025.

CORREIA, João Alberto Sousa. Do Éden à Jerusalém Celeste: a peregrinação e o santuário em perspectiva bíblica. **Theologica**, Braga, PT, v. 53, n. 1-2, p. 11-29, 2018. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0001-6896-0671>. Acesso em: 4 nov. 2024.

CRUZ, Wallace Alexsander A. O evento Jesus Cristo: o Deus que se fez história e a redenção do corpo ao cosmos. **Pensar – Revista Eletrônica da FAJE**, v. 14, n. 1, p. 84-94, ago. 2023. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/5396/5033>. Acesso em: 6 ago. 2025.

CTI – COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **O *sensus fidei* na vida da Igreja**. Vaticano, 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html. Acesso em: 12 nov. 2024.

CTI – COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Theology today**: perspectives, principles and criteria. Vaticano, 2011. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_doc_20111129_teologia-oggi_en.html. Acesso em: 13 nov. 2024.

DENZINGER, Henrici; HÜNERMANN, Peter. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Loyola, 2007. Disponível em: <https://dokumen.pub/compendio-dos-simbolos-definioes-e-declaracoes-de-fe-e-moral-da-igreja-catolica-9788515034390.html>. Acesso em: 17 ago. 2025.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em: <https://reinopoderegloria.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/08/mircea-eliade-o-sagrado-e-o-profano.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano, 2013a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-

francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 19 out. 2024.

FRANCISCO, Papa. ***Laudato Si'***: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 21 out. 2024.

FRANCISCO, Papa. ***Lumen Fidei***: sobre a fé. Vaticano, 2013b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 17 out. 2024.

GALERA, Isabella; GONÇALVES, Raquel Garcia. Izidora em 3 atos: o conflito fundiário, a luta popular, o imaginário simbólico da terra prometida. **Revista Interdisciplinar**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 186-211, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/29015>. Acesso em: 10 nov. 2024.

GHIDINI, Rafael; MORMUL, Najla Mehanna. Revolução agrícola neolítica e o surgimento do Estado classista: breve reconstituição histórica. **Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revise/article/view/e19725>. Acesso em: 15 nov. 2024.

GUEDES, João Alves. **A centralidade do Mistério Pacal nas celebrações litúrgicas**. Curitiba: InterSaberes, 2019. (Série Princípios de Teologia Católica).

HOJE É DIA DE LITURGIA. Oração Eucarística IV: nova edição. **Hoje é Dia de Liturgia**, 29 out. 2023. Disponível em: <https://hojeediadeliturgia.wordpress.com/2023/10/29/oracao-eucaristica-iv-nova-edicao-2023/>. Acesso em: 3 ago. 2025.

HUGUENIN, Ana Carolina; LIMONCIC, Flávio; GRIN, Monica. **História do Oriente**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013. v. 1. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/012016/2afd95c3fe9365a58bca22412f02c727.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2025.

JOÃO PAULO II, Santo. ***Audiencia General***. Vaticano, 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860409.html. Acesso em: 17 out. 2024.

JOÃO PAULO II, Santo. ***Dominicae Cena***: sobre o mistério e o culto da Santíssima Eucaristia. Vaticano, 1980. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1980/documents/hf_jp-ii_let_19800224_dominicae-cenae.html. Acesso em: 17 jul. 2025.

JOÃO PAULO II, Santo. ***Fides et Ratio***: sobre as relações entre fé e razão. Vaticano, 1998. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em: 13 nov. 2024.

JOÃO PAULO II, Santo. ***Redemptoris Mater***: sobre a validade permanente do mandato missionário. Vaticano, 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html. Acesso em: 9

nov. 2024.

JOÃO PAULO II, Santo. **Redemptoris Missio**: sobre a validade permanente do mandato missionário. Vaticano, 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 17 out. 2024.

JOÃO PAULO II, Santo. **Veritatis Splendor**: sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja. Vaticano, 1993. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html. Acesso em: 3 nov. 2024.

KORSTANJE, Maximiliano E. Discutiendo la metáfora del paraíso perdido. **Revista Iberoamericana de Turismo**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 203-211, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/2119>. Acesso em: 9 nov. 2024.

LEÃO XIV, Papa. **Mensagem do Santo Padre para o V Dia Mundial dos Avós e dos Idosos**: “Bem-aventurado aquele que não perdeu a esperança” (cf. Sir 14, 2). Vaticano, 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/grandparents/documents/20250626-messaggio-nonni-anziani.html>. Acesso em: 3 set. 2025.

LEOPOLDI, José Sávio. Rousseau: estado de natureza, o “bom selvagem” e as sociedades indígenas. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 158-172, jan./jun. 2002. Disponível em: https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Leopoldi.pdf. Acesso em: 4 nov. 2024.

MENEGATTI, Larissa Fernandes. **Doutrina Social da Igreja**. Curitiba: InterSaberes, 2018. (Série Princípios de Teologia Católica).

MENEGATTI, Larissa Fernandes. **Fundamentos científicos da teologia cristã**. Curitiba: InterSaberes, 2020b. (Série Princípios de Teologia Católica).

MENEGATTI, Larissa Fernandes. **Introdução à formação em teologia**. Curitiba: InterSaberes, 2020a. (Série Princípios de Teologia Católica).

MIRANDA, Mário de França. A salvação cristã na modernidade. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 23, n. 59, p. 13-32, 1 jan. 1991. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1339>. Acesso em: 22 jul. 2025.

MORUS, Thomas. **Utopia**. [S. l., s.n.], 2001. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/utopia.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2024.

NENTWIG, Roberto. **Catequese na nova evangelização**: temas de catequética fundamental. Curitiba: InterSaberes, 2018. (Série Princípios de Teologia Católica).

PAULO VI, Santo. **Ad Gentes**: sobre a atividade missionária da Igreja. Vaticano, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-

ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 3 nov. 2024.

PAULO VI, Santo. **Lumen Gentium**: sobre a Igreja. Vaticano, 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 11 nov. 2024.

PAULO VI, Santo. **Sacrosanctum Concilium**: sobre a sagrada liturgia. Vaticano, 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 11 nov. 2024.

PAULO VI, Santo. **Gaudium et Spes**: sobre a Igreja no mundo actual. Vaticano, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 26 jul. 2025.

PÈGUES, Tomás, O. P. **A Suma Teológica de Sto. Tomás em forma de catecismo**. Campinas, SP: Livre, 2016.

PIO XI, Papa. **Divinis Redemptoris**: sobre o comunismo ateu. Vaticano, 1937. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html. Acesso em: 27 nov. 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html. Acesso em: 27 jun. 2025.

RAUTMANN, Robert. “E vós, quem dizeis que eu sou?”: elementos fundamentais de cristologia. Curitiba: InterSaberes, 2019. (Série Princípios de Teologia Católica).
RAUTMANN, Robert. **Teologia fundamental da revelação**. Curitiba: InterSaberes, 2018. (Série Princípios de Teologia Católica).

ROMANOWSKI, Paulo Roberto. **Introdução à história moderna e contemporânea da Igreja Católica**: uma trajetória das ideias da Santa Sé. Curitiba: InterSaberes, 2019. (Série Princípios de Teologia Católica).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A discourse upon the origin and the foundation of the inequality among mankind**. [S. l.]: Project Gutenberg, 2004. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/11136>. Acesso em: 5 ago. 2025.

SHOBHA, John. **There's great hunger for debate on ethics, justice**. Times of India, [s. l.], 2012. Disponível em: https://timesofindia.indiatimes.com/home/sunday-times/deep-focus/Theres-great-hunger-for-debate-on-ethics-justice/articleshow/12216343.cms?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 8 jul. 2025.

SIMÕES, Cristina Aleixo. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos**. Curitiba: InterSaberes, 2024. (Série Princípios de Teologia Católica).

SIMÕES, Cristina Aleixo. **Introdução à Sagrada Escritura**. Curitiba: InterSaberes, 2020.

(Série Princípios de Teologia Católica).

SIQUEIRA, Thácio Lincon Soares de. **Sacramentos da iniciação cristã**. Curitiba: InterSaberes, 2018. (Série Princípios de Teologia Católica).

STADELMANN, Luís I. J. O Salmo 22 (21) e a história da Paixão. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 15, n. 36, p. 193-221, 2 jan. 1983. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1997>. Acesso em: 22 jul. 2025.

VIEIRA, Dilermano Ramos. **História da Igreja nas Idades Antiga e Média**. Curitiba: InterSaberes, 2019. (Série Princípios de Teologia Católica).

VIEIRA, Sergio Luiz de Souza. **O serviço social e a questão socioambiental**: teologia natural, filosofia da natureza e marxologia ecológica. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2020. Disponível em:

https://www.google.com.br/books/edition/O_servi%C3%A7o_social_e_a_quest%C3%A3o_socioambi/1l3rDwAAQBAJ?hl=es&gbpv=1&dq=O+servi%C3%A7o+social+e+a+quest%C3%A3o+socioambiental:+teologia+natural,+filosofia+da+natureza+e+marxologia+ecol%C3%B3gica&printsec=frontcover. Acesso em: 5 dez. 2024.

Data de submissão: 19/09/2025

Data de aceite: 13/11/2025